

## EDITORIAL

# DIFERENTES OLHARES SOBRE O FENÓMENO *BULLYING* EM CONTEXTO ESCOLAR

**Sónia Raquel Seixas**

Escola Superior de Educação de Santarém  
sonia.seixas@ese.ipsantarem.pt

O fenómeno *bullying* em contexto escolar tem sido alvo de crescente interesse e profícua investigação e análise por parte de algumas áreas de saber, no âmbito das Ciências Sociais e Humanas. Não se tratando de um fenómeno novo, é contudo uma problemática relativamente recente enquanto objecto de estudo científico, sendo actualmente uma área de produção científica privilegiada.

Sendo o *bullying* um comportamento agressivo intencional que ocorre em contexto escolar, distingue-se no entanto de outros comportamentos igualmente agressivos pelos contornos que assume relativamente à sua repetição sistemática assim como à desigualdade de poder entre os alunos envolvidos (Fontaine & Réveillère, 2004; Olweus, 1993; Rodríguez, 2007).

A preocupação com as repercussões psicossociais para os alunos que se vêm envolvidos nestes comportamentos (de forma directa ou indirecta, com um envolvimento mais activo ou mais passivo, desempenhando um papel enquanto agressores, vítimas ou ainda vítimas-agressivas), tem sido uma das principais motivações para o conhecimento e caracterização desta problemática (Berger, 2007; Borg, 1999; Fonseca, Moleiro & Sales, 2009) nomeadamente no que concerne às suas implicações para a concepção e implementação de estratégias de prevenção e/ou intervenção (Alexander, 2007; Beane, 2006; Haber & Glatzer, 2009; Lamb, Pepler & Craig, 2009; Ttofi, Farrington & Baldry, 2008). Entre as várias repercussões que as diversas investigações têm abordado, salientam-se as que se observam nos domínios de saúde física e mental, assim como de ajustamento escolar e social (Forero et al., 1999; Kaltiala-Heino et al., 1999, 2000; Karin-Natvig et al., 2001; Nansel et al., 2001; Rigby, 1998; Seixas, 2006).

O interesse por esta problemática tem-se também constatado pelo elevado



número de países que têm levado a cabo investigações neste domínio. No âmbito dos resultados obtidos, observa-se uma considerável variação nomeadamente relativa aos níveis de incidência de comportamentos de *bullying* e vitimização. Para além de factores associados às características da amostra (por exemplo o género ou ano de escolaridade), a metodologia utilizada na identificação dos alunos envolvidos em comportamentos de *bullying*, parece igualmente assumir-se como um dos factores responsáveis pela variação nos níveis de incidência obtidos entre diferentes estudos (Seixas, 2005).

Independentemente de algumas variações, pode-se também verificar a consonância entre alguns resultados, designadamente referentes aos locais de ocorrência de comportamentos de *bullying*, à sua tendência evolutiva e diferenciação associada ao género, e ao perfil dos alunos envolvidos.

Quanto ao perfil dos alunos envolvidos, observa-se na esmagadora maioria das investigações, uma correlação positiva entre a vitimização e a manifestação de sintomas físicos de saúde (dores de cabeça, de barriga, sentimentos de solidão, depressão, ansiedade, etc.), ao passo que os alunos agressores se encontram significativamente associados a comportamentos anti-sociais (violência, delinquência, consumo de substâncias, etc.).

Assumindo claramente essa preocupação, o presente número da revista *Interações*, intitulado “*Comportamentos de bullying em contexto escolar: Diálogos interdisciplinares*”, organiza-se em torno dos contributos de carácter teórico ou de carácter empírico, que diferentes áreas de saber (nomeadamente a linguística, a sociologia, a psicologia, as ciências da educação, a neurobiologia e a psicanálise) podem dar, no sentido de facilitar um melhor e mais aprofundado conhecimento da complexidade deste multifacetado fenómeno. Face a esta diversidade de saberes, cabe ao leitor estabelecer um diálogo interdisciplinar que possibilite a integração de diferentes olhares numa visão mais vasta e completa sobre o mesmo fenómeno.

No primeiro artigo, Madalena Teixeira e Paulo Osório, ambos especialistas em linguística, tecem algumas considerações acerca da tradução do termo *bullying*, salientando a especificidade de variáveis de natureza sociolinguística, pragmática, semântica e sintáctica que, entre outras, podem dificultar a tradução de uma unidade lexical. Por fim, abordando diferentes tipos de significados e diferentes possibilidades de interpretação, os autores debruçam-se e analisam algumas traduções do termo *bullying* obtidas através do Programa *Compara*.

De seguida, Célia Sales apresenta-nos um artigo onde, abraçando uma visão sistémica sobre o fenómeno da violência e segurança nas escolas, nos alerta para a confluência de variados factores que, tanto ao nível da escola como do exterior, contribuem para a manutenção de vivências e percursos escolares de risco. Numa perspectiva centrada na escola, foca o absentismo e abandono escolar como contexto privilegiado de intervenção, apresentando igualmente recomendações concretas nesse sentido. Numa perspectiva mais abrangente, e que ultrapassa os limites da comunidade escolar, debruça-se sobre o contexto de exclusão social que, por sua vez, se reflecte em percursos escolares inadequados. Concebendo as dificuldades escolares dos alunos numa conjuntura de problemas frequentemente associados ao isolamento social e fragilidade sócio-económica, sugere igualmente algumas pistas de trabalho no sentido de uma intervenção em rede com a escola, preconizando o envolvimento e articulação de vários serviços.

Continuando numa perspectiva focalizada no contexto social, João Sebastião, professora na Escola Superior de Educação de Santarém, examina a problemática da violência escolar do ponto de vista sociológico. Numa posição privilegiada para abordar esta temática, enquanto Coordenador do Observatório de Segurança Escolar do Ministério da Educação, este autor discute alguns dos argumentos relacionados com as causas da violência escolar, nomeadamente no que concerne ao seu contributo para o reforço de estereótipos negativos associados a certos grupos sociais. Com o intuito de clarificar conceptualmente o que se entende por violência escolar, apresenta um modelo de análise de situações de violência na escola, onde os comportamentos se podem situar em dois grandes eixos: o poder (poder/ausência de poder) e a conformidade (conformidade/não conformidade). Complementa este seu artigo com alguns dados do Observatório de Segurança Escolar, relativos a 2007.

Eu própria, na minha área de investigação privilegiada, os comportamentos de *bullying*, procurei sustentação teórica no domínio da neurobiologia, que fundamentasse as diferenças observadas entre os géneros na manifestação de comportamentos de *bullying*. O âmago da pesquisa efectuada neste artigo centra-se no papel que a organização e funcionamento cerebral desempenham na predisposição para comportamentos diferenciados consoante o género. Dada a minha focalização na natureza biológica deste contributo explicativo, saliento igualmente o papel do meio social na produção dessas diferenças, designadamente as práticas educativas e estereótipos parentais, no sentido de evitar a tentação de uma leitura do comportamento humano como biologicamente determinado no que concerne às



diferenças entre os géneros.

Os oito artigos que se seguem situam-se no domínio da produção de carácter empírico. Margarida Gaspar de Matos e colaboradores, apresentam-nos os resultados de uma vasta investigação, tanto pelo número de parceiros internacionais, como pelo tamanho da amostra nacional, no âmbito da caracterização dos comportamentos de *bullying* e vitimização de adolescentes portugueses. Os dados apresentados, referentes a 3 estudos realizados (em 1998, 2002 e 2005), permitem aceder a uma visão evolutiva deste fenómeno, contribuindo para um melhor conhecimento das características e variáveis associadas ao *bullying*, nomeadamente variáveis preditoras de um futuro envolvimento. No final, as autoras propõem três modelos explicativos do *bullying*, identificando as variáveis com impacto positivo e negativo, consoante se trate dos agressores, vítimas ou alunos com duplo envolvimento.

Susana Carvalhosa, Carla Moleiro e Célia Sales, com o intuito de sistematizar os dados disponíveis sobre *bullying* em Portugal, efectuaram uma vasta recolha de dados, baseando-se em três diferentes fontes de informação: estatísticas oficiais, serviços ou instituições especializadas que trabalham directamente neste domínio e pesquisas e estudos realizados. Sobressai a influência das diferentes metodologias de recolha de dados na variação dos resultados obtidos, o que se mostra de grande interesse e utilidade para quem se propõe iniciar uma investigação neste domínio.

Barbara Houbre, Gustave-Nicolas Fischer e colaboradores, investigadores e colaboradores na Universidade de Metz, com uma larga experiência no estudo da violência escolar, trazem-nos uma perspectiva sobre os comportamentos de *bullying* enquanto variável indutora de deterioração da formação identitária dos alunos, particularmente no caso de alunos vitimizados. A pertinência dos resultados apresentados sobressai pela influência que a vitimização assume na representação e nas crenças sobre si próprio (nomeadamente as dimensões do auto-conceito e auto-estima) e sobre o mundo.

Outro artigo de natureza empírica foi elaborado por Raquel Raimundo e eu própria, onde são apresentados os resultados de uma investigação realizada numa instituição educativa da área de Lisboa, a todos os alunos do 2º ao 4º ano de escolaridade. Os dados referem-se aos níveis de incidência de *bullying*, tipos de comportamento, locais de ocorrência, perfil do agressor e percepção de apoio por parte das vítimas.

Na investigação realizada por Maria José Martins, sobressai o cruzamento de

várias variáveis relativamente à incidência de comportamentos de agressão e vitimização. Procurou caracterizar estes níveis de incidência, comparando o contexto escolar com o contexto de lazer (fora da escola), comparando duas amostras provenientes de duas regiões geográficas diferentes (Lisboa e Norte do Alentejo), comparando dois anos lectivos diferentes, no sentido de aceder a uma perspectiva evolutiva e, ainda, relacionando os níveis de competência relacional dos alunos com o seu envolvimento em comportamentos de agressão e de vitimização. Tendo por base a caracterização dos alunos da amostra, a autora defende a educação emocional como um domínio preferencial de intervenção, no sentido de diminuir alguma fragilidade relacional, particularmente no caso dos alunos vítimas,

Uma equipa composta por investigadores do Brasil e de Portugal, realizou um estudo no âmbito da gestão educacional cujos resultados são apresentados no artigo de Lélío Lourenço, Beatriz Pereira, Débora Paiva e Carla Gebara. Partindo das respostas dos alunos sobre a quem relatam os casos de *bullying* e sobre a presença de professores ou funcionários no recreio, os autores propõem algumas linhas de intervenção em contexto escolar, particularmente focalizadas na supervisão do recreio e na oferta de actividades lúdicas e criativas, com o objectivo de tornar um ambiente potencialmente agressivo num espaço supervisionado e securizante.

Isabel Freire e colaboradores iniciaram um projecto em 2004 que, sendo progressivamente alargado e subdividido em sub-projectos, culminou também numa parceria com investigadores brasileiros da Universidade de Campinas em S. Paulo. No seu artigo apresenta os principais resultados de cada um dos sub-projectos no domínio da agressividade entre os alunos em vários ciclos de ensino (1º, 2º e 3º ciclos) e comparando escolas portuguesas e brasileiras. Sobressai neste artigo, a utilização de diferentes técnicas de recolha e análise de dados, nomeadamente a observação naturalista, entrevistas *focus group* e desenhos realizados pelos alunos.

Uma amostra menos frequentemente abordada na literatura mas de uma pertinência evidente, é-nos trazida e estudada por três docentes investigadoras gregas, Eleni Didaskalou, Eleni Andreou e Anastasia Vlachou, no âmbito da incidência dos comportamentos de *bullying* e vitimização entre alunos com necessidades educativas especiais. Entre os resultados obtidos salienta-se a identificação de factores preditores da ocorrência dos comportamentos de *bullying* e vitimização, o que se traduz numa mais-valia para qualquer estratégia de prevenção a implementar, designadamente porque se referem a factores relacionados com a supervisão no



recreio ou o estabelecimento de laços sociais com os colegas.

Os dois artigos que se seguem focalizam-se na prevenção dos comportamentos de *bullying*, privilegiando uma abordagem centralizada na mudança comportamental através do treino e exercício de respostas comportamentais alternativas à agressão e/ou submissão perante o ataque.

Munida de uma vasta experiência no âmbito da vitimização, Natália Cardoso, gestora do gabinete de apoio à vítima de Coimbra, apresenta-nos uma proposta de sensibilização e prevenção do *bullying* junto das escolas, alicerçada no jogo dramático enquanto instrumento promotor de mudança de comportamentos e facilitadora da criação de um clima de paz e não-violência. Acresce ainda a excelente oportunidade que o jogo dramático proporciona relativamente ao treino de comportamentos e ao desenvolvimento de estratégias comportamentais de resolução de conflitos.

O melhoramento das competências de relação interpessoal dos alunos, sobressai igualmente como um domínio privilegiado de intervenção no artigo de Ana da Silva, professora na Escola Superior de Educação de Santarém, sendo a metodologia do teatro-debate apresentada e defendida como uma ferramenta educativa com elevado potencial na prevenção dos comportamentos de *bullying*. No âmbito desta metodologia, a autora realça as vantagens da peça de teatro “Macacos e pombos”, cujo principal objectivo se destina precisamente a trabalhar os vários papéis desempenhados pelos diferentes actores intervenientes em algumas situações de *bullying*.

Ambos os artigos seguintes debruçam-se sobre uma manifestação particular do *bullying*, referente à utilização das novas tecnologias, fenómeno comumente chamado de *cyberbullying*.

João Amado e colaboradores, com um vasto conhecimento e inúmeras publicações no âmbito da violência escolar, apresentam-nos os resultados do projecto *CyberTraining: A Research-based Training Manual On Cyberbullying*, cujo principal objectivo se refere à identificação de necessidades de formação neste domínio. Após uma revisão de literatura a nível internacional e caracterização teórica deste fenómeno, e passando pela referência a algumas iniciativas oficiais e não oficiais em Portugal, os autores identificam e caracterizam três grandes linhas de acção no sentido de responder às necessidades sentidas: ao nível das dificuldades sentidas pelos formadores; ao nível da componente teórica do manual; e ao nível da componente prática do manual.

Cristina Novo, professora na Escola Superior de Educação de Santarém, com uma ampla experiência no âmbito das tecnologias educativas, aborda em concreto algumas medidas a implementar no sentido de prevenir comportamentos de risco associados à má utilização das novas tecnologias, e promover boas práticas no sentido de uma utilização segura da Internet em geral. Destaca-se a grande utilidade das suas pistas, tanto para pais como para alunos e professores, no sentido que contribuem para o desenvolvimento de uma atitude preventiva.

Por último, Maria Teresa Casanova Sá, psicóloga clínica e psicanalista, professora na Escola Superior de Educação de Santarém, tomando como mote o tema do *bullying*, propõe-nos, a partir do vértice da teoria psicanalítica, uma reflexão sobre a importância das primeiras experiências relacionais na díade mãe-bebé para o processo de maturação e transformação das pulsões destrutivas. Sobressai a importância da qualidade desta relação, sendo que o fracasso na integração dessa “violência fundamental” se pode repercutir futuramente na organização da personalidade do sujeito.

Perante a diversidade de olhares que os vários autores, ancorados em diferentes áreas de saber, nos proporcionam, penso que o desafio de realizar uma leitura do fenómeno *bullying* deva ser feito numa perspectiva integradora e complementar que se alimente de várias fontes, sejam elas de natureza empírica ou teórica. Nesse sentido, a produção de conhecimento científico neste domínio assume particular relevo pela visão “desembaciada” sobre um fenómeno que, não sendo novo, urge desmistificar, clarificar as suas diferentes mas interligadas facetas, e acolhê-lo como um dos domínios prioritários de intervenção na infância e adolescência. Esta urgência justifica-se porque nos referimos a um contexto que se espera ser seguro e protector, que se deve assumir como um espaço de crescimento onde as vulnerabilidades de cada aluno possam ser respeitadas, senão mesmo acolhidas, e os seus recursos desenvolvidos, sem a ameaça de episódios repetitivos e sistemáticos de agressão.

### **Referências Bibliográficas**

- Alexander, J. (2007). *A Agressividade na escola. Bullying: um guia essencial para pais*. Barcarena: Editorial Presença.
- Beane, A. (2006). *A sala de aula sem bullying*. Porto: Porto Editora.
- Berger, K. (2007). Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental*



*Review, 27, 90-126.*

- Borg, M. (1999). The extent and nature of bullying among primary and secondary schoolchildren. *Educational Research, 41* (2), 137-153.
- Fonseca, S., Moleiro, C. & Sales, C. (2009). Violence in Portuguese schools. National Report. *International Journal of Violence and School, 9*, 57-78.
- Fontaine, R. & Réveillère, Ch. (2004). Le bullying (ou victimisation) en milieu scolaire: description, retentissements vulnérabilisants et psychopathologiques. *Annales Médico Psychologiques 162*, 588-594.
- Forero, R., McLellan, L., Rissel, C. & Bauman, A. (1999). Bullying behavior and psychosocial health among school students in New South Wales, Australia: cross sectional survey. *British Medical Journal, 319*, 344-348.
- Haber, J. & Glatzer, J. (2009). *Bullying manual anti-agressão*. Alfragide: Casa das Letras.
- Kaltiala-Heino, R., Rimpelä, M., Marttunen, M. & Rantanen, P. (1999). Bullying, depression, and suicidal ideation in Finnish adolescents: school survey. *British Medical Journal, 319*, 348-351.
- Kaltiala-Heino, R., Rimpelä, M., Rantanen, P. & Rimpelä, A. (2000). Bullying at school – an indicator of adolescents at risk for mental disorders. *Journal of Adolescence, 23* (6), 661-674.
- Karin-Natvig, G., Albrektsen, G. & Qvarnstrom, U. (2001). Psychosomatic symptoms among victims of school bullying. *Journal of Health Psychology, 6* (4), 365-377.
- Lamb, J., Pepler, D. & Craig, W. (2009). Approach to bullying and victimization. *Canadian Family Physician, 55*(4): 356-360.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Rigby, K. (1998). The relationship between reported health and involvement in bully/victim problems among male and female secondary school children. *Journal of Health Psychology, 3* (4), 465-476.
- Rodríguez, N. (2007). *Bullying, Guerra na escola*: Lisboa: Sinais de Fogo.
- Seixas, S. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica, 2* (XXIII), 97-110.
- Seixas, S. (2006). *Comportamentos de bullying entre pares. Bem estar e ajustamento escolar*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Ttofi, M. Farrington, D. & Baldry, A. (2008). *Effectiveness of programmes to reduce*



*school bullying. A systematic review.* Stockholm: Swedish Council for Crimes Prevention.